

Percepção dos profissionais de um Centro de Saúde Escola referente à atuação na área de Nutrição

Professionals' perception at a School-based Health Center (SBHC) regarding nutritional assistance

ABSTRACT

WATANABE, L. M.; ALMEIDA, M. A. S.; MORITA, I. Professionals' perception at a School-based Health Center (SBHC) regarding nutritional assistance. *Nutrire. rev. Soc. Bras. Alim. Nutr.* = J. Brazilian Soc. Food Nutr., São Paulo, SP, v. 38, n. 2, p. 115-123, ago. 2013.

In this study, we aimed to identify the perception of professionals working at a School-based Health Center (SBHC) regarding nutritional assistance. The methodological approach was qualitative. Semi-structured interviews with open questions and audio recordings were carried out with participants' consent. Professionals who are directly or indirectly involved in the nutrition field were interviewed. Analysis of the given statements consisted in identifying recurring speech cores, seeking clarification of content and ensuring the understanding of the professionals' perceptions. In the group of 17 respondents, aged 24 to 63, 70.6% were women. One of the identified core themes was the multi-disciplinary team. It presents positive aspects because it allows the contact between different professional health areas. Regarding the negative aspects, the small number of nutritionists in the service should be highlighted. Another identified core was the need for works that transcend the service, to complement and reinforce information on food. Furthermore, health education makes a difference to nutrition and other areas as well. In this sense, proposal of new areas and strategies beyond the boundaries of the School-based Health Center would allow to reach a greater number of people and increase knowledge in the nutritional field and consequently individual autonomy.

Keywords: Nutrition. Perception. Basic health care.

LÍGIA MORIGUCHI WATANABE;
MARGARETH APARECIDA
SANTINI DE ALMEIDA²;
IONE MORITA²

¹Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP, Instituto de Biociências, Botucatu - SP, Brasil.

²Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP, Faculdade de Medicina, Departamento de Saúde Pública, Botucatu - SP, Brasil.

Endereço para correspondência:
Ligia Moriguchi Watanabe.
Rua Amadeu Amaral, 340, apto. 43, Vila Seixas.
CEP 14020-050.
Ribeirão Preto - SP - Brasil.
E-mail: ligia.moriguchi@gmail.com.

Apoio Financeiro
FAPESP - no. 2009/16306-6.

RESUMEN

Este estudio tuvo como objetivo identificar la percepción de los profesionales de un Centro de Salud Escolar con relación a su actuación en el área de nutrición. La metodología utilizada fue cualitativa mediante entrevistas semiestructuradas, con preguntas abiertas y grabadas en audio, a los profesionales que actúan directa o indirectamente con cuestiones relativas al área de nutrición. Se analizaron los testimonios de los testimonios de los sujetos identificando núcleos recurrentes en sus discursos, buscando explicitar los contenidos, garantizando la comprensión de sus percepciones. De los 17 profesionales entrevistados, el 70,6% fueron mujeres de entre 24 y 63 años. Uno de los núcleos temáticos identificados fue el trabajo en equipo multidisciplinario, que presentó aspectos positivos porque permite el contacto entre las diferentes áreas profesionales de la salud. Entre los aspectos negativos, algunos resaltaron el reducido número de nutricionistas en servicio. La Educación en Salud fue destacada como un aspecto diferencial para todas las áreas de actuación, pero sobre todo para la nutrición. En este sentido, las propuestas de nuevos espacios y estrategias que trascendieran el servicio permitirían alcanzar un mayor número de personas, ampliando el conocimiento general en el área de nutrición y, en consecuencia, la autonomía individual.

Palabras clave: Nutrición. Percepción. Atención básica.

RESUMO

O presente trabalho objetivou identificar a percepção dos profissionais de um Centro de Saúde Escola referente à atuação na área de Nutrição. A metodologia desenvolvida foi qualitativa mediante entrevistas semiestructuradas, com perguntas abertas e audiogravadas dos profissionais que atuam direta ou indiretamente com questões relacionadas à área de Nutrição. A análise das falas dos sujeitos foi realizada por meio da identificação de núcleos recorrentes nos discursos, buscando a explicitação dos conteúdos, garantindo a compreensão da percepção dos profissionais. No grupo de 17 profissionais entrevistados, 70,6% foram mulheres, com faixa etária entre 24 e 63 anos. Um dos núcleos temáticos identificados foi o trabalho em equipe multidisciplinar, que apresenta aspectos positivos, porque permite o contato com as diferentes áreas profissionais da saúde. Em relação aos aspectos negativos, alguns ressaltaram o número reduzido de Nutricionistas no serviço. A educação em saúde é destacada como um diferencial para todas as áreas de atuação, sobretudo para a Nutrição. Nesse sentido, propostas de novos espaços e estratégias que transcendessem o serviço possibilitariam atingir um maior número de pessoas, ampliando-se o conhecimento geral na área de Nutrição e, conseqüentemente, a autonomia individual.

Palavras-chave: Nutrição. Percepção. Atenção básica.

INTRODUÇÃO

A alimentação e a nutrição constituem direitos fundamentais presentes na *Declaração Universal dos Direitos Humanos* e são requisitos básicos para a promoção e a manutenção da saúde, possibilitando a afirmação plena do potencial de crescimento e desenvolvimento humano com qualidade de vida e cidadania. A alimentação é um direito do cidadão, portanto, é dever do Estado e responsabilidade da sociedade. Assim, a busca por garantir a alimentação de qualidade para todos os indivíduos passa pela construção de um novo paradigma de sociedade, que tenha como eixo central a qualidade de vida (FERREIRA; MAGALHÃES, 2007).

No Brasil, a questão alimentar esteve presente no cenário político desde 1954, com o Programa de Merenda Escolar. A partir de 1970, com a criação do Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição (INAN), vinculado ao Ministério da Saúde, foram lançados três sucessivos programas: em 1973-74, para os considerados ‘biologicamente vulneráveis’, como gestantes, nutrizes e menores de sete anos; em seguida, nos anos 1976 e 1980, incorporaram-se programas alimentares que atuavam nos setores de saúde, assistência social, educação, trabalho e abastecimento (JAIME et al., 2011), na lógica da centralização administrativa que ocorria no cenário político.

Após a nova Constituição de 1988, atribuiu-se à “direção nacional do SUS (Sistema Único de Saúde), a responsabilidade pela formulação, avaliação e apoio às políticas de alimentação e nutrição no País.” (JAIME et al., 2011, p. 813). Nesse sentido, em 1999, publicou-se a Política Nacional de Alimentação e Nutrição que trouxe, entre seus princípios e diretrizes, o foco na Atenção Básica à Saúde (ABS) (BRASIL, 2012). Caracterizada como a principal referência da população com o sistema de saúde, a ABS deve desenvolver ações que vão da promoção ao diagnóstico, tratamento e manutenção da saúde; dentre estas, ações específicas para a promoção da alimentação saudável. Para isso, torna-se fundamental considerar os determinantes sociais da saúde, dada a heterogeneidade social, econômica e cultural, bem como a distribuição desigual dos equipamentos sociais e dos bens e serviços entre a população brasileira. Conforme destacado por Jaime et al. (2011), a ABS deve propiciar o desenvolvimento de habilidades e competências que gerem a autonomia e o empoderamento dos indivíduos, famílias e comunidades. Para esses autores, a educação nutricional é uma importante estratégia na prevenção de agravos relacionados a alimentação e nutrição, sendo essencial aumentar o conhecimento da população sobre o assunto.

No entanto, inúmeros são os desafios encontrados para que a população brasileira alcance um nível ótimo de nutrição. A complexidade dos problemas alimentares, advindos da transição nutricional em curso no país, tem imposto reformulações urgentes ao setor de saúde, a fim de responder às novas demandas alimentares. A transição nutricional pode ser conceituada como um fenômeno no qual ocorrem mudanças nos padrões de distribuição dos problemas alimentares de uma população. Em geral, refere-se à passagem da desnutrição para a obesidade (FERREIRA; MAGALHÃES, 2007).

É importante destacar que o debate em torno da promoção da saúde parte do pressuposto de que saúde e qualidade de vida não dependem do oferecimento isolado de um dado serviço, mas sim da oferta de um conjunto de condições de vida e de trabalho. Trata-se, portanto, de uma proposta que implica formação de alianças, estabelecimento de parcerias e intersetorialidade nas ações, que respondam às necessidades de cada território, a partir de estratégias de articulação transversal entre os diversos equipamentos públicos e sociais e a comunidade. Assim, embora

a assistência e a educação alimentar e nutricional constituam ações privativas do Nutricionista, conforme disposto na Lei 8.234/91, que regulamenta a sua atuação profissional, a promoção da alimentação saudável tem caráter mais amplo, perpassando não só ações de outros profissionais em uma equipe multidisciplinar, como também iniciativas que transcendem os serviços de saúde (FERREIRA; MAGALHÃES, 2007; BOOG, 2008).

Tendo em vista que a nutrição é a base sobre a qual se desenvolvem todos os processos fisiológicos e patológicos, e que nenhum fenômeno orgânico normal ou anormal ocorre sem que haja um componente nutricional envolvido, considera-se fundamental a necessidade de um adequado preparo dos profissionais da área da saúde em relação ao assunto, ou seja, o domínio deste saber para utilizá-lo na prática profissional. Deve haver uma preparação dos profissionais para aquilatar a influência dos fatores nutricionais nos problemas que se apresentam na prática profissional, atribuindo a esses a devida importância, a fim de que estejam aptos a colocar em prática as ações propostas para a Atenção Básica e para os demais níveis de complexidade. (BOOG, 1999; JAIME et al., 2011).

Destaca-se, por fim, a importância dos centros de saúde escola como um lugar concreto do trabalho pensado como programação ou planejamento, com a característica fundamental de propiciar o contato dos futuros profissionais aos contornos da saúde público-coletiva, que as formas hospitalares não conseguem fornecer na formação (BOTAZZO, 1999).

Diante disso, o presente trabalho teve por objetivo identificar a percepção dos profissionais de um Centro de Saúde Escola referente à atuação na área de Nutrição.

MÉTODOS

O Centro de Saúde Escola (CSE) foi criado em 1972 e é atualmente uma Unidade Auxiliar de Estrutura Complexa da Faculdade de Medicina (FM), Botucatu - UNESP, com integração docente-assistencial para atenção primária à saúde, destinado ao desenvolvimento de ensino, pesquisa e extensão de serviços à comunidade. Possui uma equipe formada por 86 profissionais da saúde, inclusive da área de Nutrição.

Foi realizada uma pesquisa qualitativa utilizando-se entrevistas semiestruturadas, com perguntas abertas e audiogravadas com o devido consentimento livre e esclarecido dos profissionais do CSE, que trabalham direta ou indiretamente com questões alimentares e nutricionais. A entrevista seguiu um roteiro com alguns dados de identificação (nome, idade, gênero, formação) e atuação no serviço na área de Nutrição.

A amostra foi constituída por representantes das três grandes áreas: saúde do adulto, da mulher e da criança. Esse recorte baseou-se na possibilidade de esses profissionais abordarem questões alimentares no contato com seus pacientes. Foram entrevistados 3 Auxiliares de Enfermagem, 3 Médicos e 3 Enfermeiros, sendo um de cada área. Esse grupo foi composto por amostra aleatória, obtida por sorteio dentro das categorias profissionais. Foram também entrevistados: Assistente Social, Cirurgião-Dentista, Psicólogo, Nutricionista e Fisioterapeuta, que são referências para todas as áreas, totalizando 14 profissionais do CSE. Além destes, fizeram parte do estudo 3 docentes da área de Nutrição que atuam no serviço e que, somados ao grupo anterior, totalizaram 17 entrevistados. Esses 17 entrevistados foram divididos em dois grandes grupos, sendo 4 profissionais da área de Nutrição (PN) e 13 profissionais de outras áreas da saúde (OP).

A análise das falas dos sujeitos foi realizada por meio da identificação de núcleos recorrentes nos discursos, buscando explicitar os conteúdos das diversas falas. O critério para o agrupamento dos temas foi a similaridade do seu significado. Concorda-se com Machado (1997) que os temas podem ser entendidos como unidades de significação, que se libertam naturalmente do discurso analisado, conforme os objetivos do estudo.

RESULTADOS

Um dos núcleos temáticos identificados foi o trabalho em equipe multidisciplinar, que se apresentou como um aspecto positivo para o serviço de saúde, porque permite o contato com as diferentes áreas profissionais da saúde, proporcionando um atendimento com qualidade ao paciente.

“Eu percebo que quando a gente trabalha com uma equipe multiprofissional e interdisciplinar tem uma melhora no atendimento e na qualidade dele.” (OP)

Nesse sentido, há um entendimento de que as diretrizes preconizadas nos planos e programas estabelecidos pelo Ministério da Saúde referentes à promoção da alimentação saudável não devem se restringir à atuação do Nutricionista, mas guiar a ação de toda a equipe.

“Eu acho que é importantíssimo haver uma diretriz comum entre os profissionais. Seria muito difícil, por exemplo, orientar a prática do aleitamento materno e um colega profissional desmamar esse bebê e orientar uma alimentação artificial, enfim. Então eu acho que uma facilidade que eu entendo importantíssima e que nós temos no serviço como um todo, é essa integração entre os profissionais e a busca aí de uma diretriz comum.” (OP)

Os profissionais das diferentes áreas reconhecem a especificidade do campo da Nutrição e apontam, como uma das dificuldades no serviço, o número deficiente de Nutricionistas, fato esse que pode influenciar a qualidade do atendimento.

“Eu acho que assim, a nutrição é muito importante e se tivessem mais Nutricionistas seria ainda mais, porque a procura é muito grande aqui no serviço”. (OP)

“... hoje eu acho que a maior dificuldade da nutrição aqui dentro seria em relação a uma grande demanda e um número de profissionais reduzido pra essa atuação. Se a gente tivesse um maior número de profissionais provavelmente nós conseguiríamos estar atendendo melhor a toda a situação”. (PN)

“Quando esses Nutricionistas não estão, na medida do possível, com o pouco de conhecimento que nós temos a respeito da importância nutricional [...] nós fazemos as orientações tradicionais que a gente conhece”. (OP)

Um ponto importante abordado por profissionais em relação ao Centro de Saúde Escola foi a presença do ensino em saúde, que é um diferencial para todas as áreas de atuação, inclusive da Nutrição, uma vez que contribui para melhorar a identificação das dificuldades dentro do serviço e o trabalho em equipe, além de ser importante para nortear a promoção de saúde.

“Desde que o CSE foi criado, sua missão é assistência, ensino e pesquisa. Então, todos os profissionais que estão inseridos aqui dentro, atuam nessas três frentes. Sem a assistência, você não faz o ensino e vice versa. Só com o ensino você também tem dificuldades, então uma atividade complementa a outra. E os profissionais estão mais aberto (sic) a trabalhar. E por ter o ensino forte aqui, em muitas atividades nós temos que trabalhar em conjunto, então eu acho que a missão do Centro de Saúde facilita e muito o nosso trabalho multidisciplinar.” (PN)

Evidencia-se a importância do CSE enquanto espaço de ensino e, por essa característica, suas atividades podem anteceder aos programas ministeriais, propondo inovações nas ações programáticas e investigando novas tecnologias, como é o caso deste serviço.

“Eu acho que é essencial trabalhar na linha da proposta do SUS mesmo: conscientizar a população, ensinar e trabalhar com educação em saúde para a promoção da saúde. Eu acho que é uma linha mais próxima do possível pra trabalhar com a comunidade essa questão da nutrição.” (OP)

A respeito de sugestões para trabalhar com a população na questão da alimentação e da nutrição, alguns profissionais referiram a necessidade de desenvolver atividades que transcendessem o serviço de saúde. Nesse sentido, poderiam ser utilizados espaços, como supermercados e praças, e desenvolver estratégias, como oficina de culinária, hortas comunitárias, atividades físicas e utilização dos meios de comunicação. Destaca-se também a necessidade de maior amplitude da atuação.

“Eu acho que a gente tinha que conseguir espaço que atingisse mais quantidade de população ao mesmo tempo, tipo espaço de mídia, rádio, TV, grandes campanhas. O trabalho individual de consultório ele é muito de formiguinha e acho que ele não chega lá. Eu acho que precisa mais de ações populacionais, de grande peso.” (PN)

DISCUSSÃO

No presente estudo, foi possível identificar percepções que não divergiram entre si, sinalizando uma conformidade dos profissionais em relação aos temas abordados.

Um dos temas observados nas falas foi o trabalho em equipe multiprofissional, evidenciado como uma prática que favorece a integração entre os profissionais e que contribui para uma melhora no atendimento ao paciente. Da mesma forma, a literatura afirma a importância do trabalho em equipe multiprofissional, como em Santos (2005), que caracteriza como um trabalho coletivo aquele no qual ocorrem múltiplas intervenções técnicas, com interação de agentes de diferentes áreas profissionais, articulando-se as ações de cooperação (SANTOS, 2005). No estudo de Alves e Melo (2006), a cooperação entre os diferentes profissionais foi entendida como um ato que traz satisfação aos envolvidos na assistência ao paciente. Dessa forma, percebeu-se uma relação sadia de complementação no trabalho, benéfica a todos os envolvidos, considerando-se que há rotatividade entre ajudar e ser ajudado, o que configura um trabalho de equipe, cujo beneficiário maior é o paciente (ALVES; MELO, 2006). Saar e Trevizan (2007) observaram que o trabalho em equipe é visto pelos profissionais da saúde como uma maneira de dividir as responsabilidades e de se alcançar de forma mais efetiva a recuperação da saúde dos pacientes. Essa visão foi justificada com o fato de que cada profissional tem uma percepção diferente da situação e a ‘união’ das diferentes percepções facilita a compreensão do todo, permitindo vislumbrar o paciente na sua totalidade. Além disso, os profissionais consideraram o trabalho em equipe como uma fonte de aprendizado, por permitir o contato com outras experiências por meio do diálogo profissional e das discussões de casos (SAAR; TREVISAN, 2007). Por fim, Ribas et al. (2008) verificaram que tanto a interação quanto o apoio mútuo entre os integrantes do grupo contribuem para o aumento da motivação para a busca do cuidado em saúde, o que favorece mudanças de atitudes frente à doença e, consequentemente, em relação ao bem-estar geral, tanto do paciente quanto da equipe (RIBAS et al., 2008).

No entanto, o trabalho em equipe deve ser continuamente repensado e revisto para que não se torne apenas um trabalho do ‘tipo agrupamento’, como encontrado na análise de Boog (2008), e sim do ‘tipo integração’, como deve ser. No CSE, a percepção dos entrevistados indica a integração e não a justaposição, portanto, uma forma de trabalho que não está centrada somente no atendimento médico individual.

Em relação ao número deficiente de Nutricionistas no serviço de saúde como fator que influencia negativamente na transmissão de informações sobre nutrição, observou-se uma compatibilidade com a literatura, uma vez que Santos (2005), em seu estudo, verificou que a falta do Nutricionista, inserido na equipe de saúde, abre lacunas para que outros profissionais se apropriem, de forma inadequada ou superficial, do conhecimento sobre nutrição, tentando suprir esta falta exercendo as funções deste profissional sem ter conhecimento aprofundado (SANTOS, 2005). Especificamente na Estratégia de Saúde da Família, com a criação do Núcleo de Apoio à Saúde da Família – NASF (BRASIL, 2008), amplia-se a possibilidade de atuação do Nutricionista na Atenção Básica, uma vez que este passa a compor a equipe.

No entanto, como o campo da alimentação e da nutrição requer uma articulação intersetorial e atuação para além do serviço de saúde, identificou-se a necessidade de uma revisão da formação dos profissionais da área da saúde, pois o currículo deveria compreender um conteúdo mínimo de nutrição, uma vez que é um problema de saúde pública.

O ensino em saúde foi destacado no presente estudo como sendo essencial para a Atenção Básica de forma a complementar as ações na promoção da saúde. Ceccim e Feurwerker (2004) identificaram a importância da educação em saúde, pois partem do pressuposto da aprendizagem significativa (que promove e produz sentidos) e propõem que a transformação das práticas profissionais deva estar baseada na reflexão crítica sobre as práticas reais de profissionais em ação na rede de serviços. Portanto, a qualificação do pessoal da saúde deve ser estruturada a partir da problematização do seu processo de trabalho. Seu objetivo deve ser a transformação das práticas profissionais e da própria organização do trabalho, tomando como referência as necessidades de saúde das pessoas e das populações, da gestão setorial e do controle social em saúde (CECCIM; FEURWERKER, 2004). Além disso, Alves (2005) destacou a Atenção Básica como espaço privilegiado para o desenvolvimento de práticas educativas. Isso se justifica pela particularidade destes serviços, caracterizados pela maior proximidade com a população e a ênfase nas ações preventivas e promocionais (ALVES, 2005).

Ferreira e Magalhães (2007) observaram que a articulação de conhecimentos técnicos e populares implica na transcendência de modelos tradicionais de atuação em Nutrição. Esta situação foi referida pelos profissionais entrevistados, que destacaram a importância de ações nutricionais que transcendessem o serviço de saúde de forma a abranger um maior número de pessoas. Ações de promoção em saúde impõem a criação de espaços democráticos e participativos, a fim de estabelecer uma aproximação com a realidade dos indivíduos e das populações, com o objetivo de tentar responder melhor às demandas de saúde e nutrição. Dessa forma, abordagens persuasivas e ações verticais devem ser modificadas para estratégias mais amplas, provenientes da relação profissional-paciente. Nesse aspecto, torna-se imprescindível superar a relação hierárquica entre o profissional e o usuário, bem como inserir a nutrição em outros ambientes sociais, tais como: nas

escolas públicas e privadas; na comunidade, por intermédio dos agentes comunitários de saúde e das associações de moradores; no ambiente de trabalho formal; nas ações de vigilância sanitária; nos órgãos de comunicação em geral; nas organizações não governamentais (ONGs), e em zonas agrícolas. Inúmeros são os espaços nos quais a nutrição pode estar articulada e essa inserção coloca a temática da nutrição no cerne das discussões, nos diversos espaços sociais, fortalecendo, dessa maneira, esse campo de práticas (FERREIRA; MAGALHÃES, 2007).

CONCLUSÃO

Concluiu-se que a atuação nutricional na perspectiva dos profissionais de saúde do Centro de Saúde Escola de Botucatu-SP apresentou tanto aspectos positivos quanto negativos, indicando que há possibilidade de intervenção para otimização no atendimento ao paciente e nas relações entre os profissionais. Em relação aos aspectos positivos, o trabalho em equipe multidisciplinar e a educação em saúde foram destacados como sendo alicerces fundamentais para a melhoria do trabalho e, sobretudo, para um atendimento de qualidade. Os resultados indicaram a necessidade de maior número de profissionais Nutricionistas no serviço, a fim de garantir uma abordagem mais adequada de temas sobre nutrição. Nas entrevistas e na literatura, enfatizou-se, ainda, um trabalho articulado que envolva maior número de pessoas e ultrapasse o limite do serviço, ampliando-se o conhecimento geral, o que também aumenta a autonomia individual.

REFERÊNCIAS/REFERENCES

- ALVES, M.; MELO, R. A. Trabalho em equipe entre profissionais da enfermagem em um centro de terapia intensiva. *Ciênc Cuidado Saúde*, v. 5, n. 3, p. 299-308, 2006.
- ALVES, V. S. Um modelo de educação em saúde para o Programa Saúde da Família: pela integralidade da atenção e reorientação do modelo assistencial. *Interface*, v. 9, n.16, p. 39-52, 2005. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832005000100004>
- BOOG, M. C. F. Dificuldades encontradas por médicos e enfermeiros na abordagem de problemas alimentares. *Rev Nutr.*, v. 12, n. 3, p. 261-272, 1999. <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-52731999000300006>
- BOOG, M. C. F. Atuação do nutricionista em saúde pública na promoção da alimentação saudável. *Rev Ciênc Saúde*, v. 1, n. 1, p. 33-42, 2008.
- BOTAZZO, C. *Unidade Básica de Saúde: a porta do sistema revisitada*. Bauru: EDUSC, 1999.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria GM/MS nº 154, de 24 de janeiro de 2008. Cria e estabelece os critérios para credenciamento dos Núcleos de Apoio à Saúde da Família - NASF. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 25 jan. 2008. Seção 1, n. 18. Disponível em: <<http://www.saude.gov.br/dab>>. Acesso em: 07 maio 2013.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Política Nacional de Alimentação e Nutrição*. Brasília: Ministério da Saúde, 2012. Disponível em: <<http://189.28.128.100/nutricao/docs/geral/pnan2011.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2012.
- CECCIM, R. B.; FEUERWERKER, L. C. M. O Quadrilátero da formação para a área da Saúde: ensino, gestão, atenção e controle social. *Physis*, v. 14, n. 1, p. 41-65, 2004. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312004000100004>
- FERREIRA, V. A.; MAGALHÃES, L. Nutrição e promoção da saúde: perspectivas atuais. *Cad Saúde Pública*, v. 23, n. 7, p. 1674-1681, 2007. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2007000700019>
- JAIME, P. C.; SILVA, A. C. F.; LIMA, A. M. C.; BORTOLINI, G. A. Ações de alimentação e nutrição na atenção básica: a experiência de organização no Governo

Brasileiro. *Rev Nutr.*, v. 24, n. 6, p. 809-824, 2011. <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-52732011000600002>

MACHADO, M. H. (Coord.). *Os Médicos no Brasil: um retrato da realidade*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997.

RIBAS, C. R. P.; TEIXEIRA, C. R. S.; OLIVEIRA, V. A.; MARTINS, T. A.; MENDES, K. D. S.; ANDRADE, N. H. S.; SANTOS, M. A.; ZANETTI, M. L. Incidentes críticos no processo de ensino-aprendizagem em diabetes na perspectiva da equipe multiprofissional de saúde. *Rev Eletr Enf.*, v. 10, n. 3, p. 747-55, 2008. Disponível em: <<http://www.fen.ufg.br/revista/v10/n3/v10n3a20.htm>>.

SAAR, S. R. C.; TREVISAN, M. A. Papéis profissionais de uma equipe de saúde: visão de seus integrantes. *Rev Latino-Am Enferm.*, v. 15, n. 1, p. 106-112, 2007. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692007000100016>

SANTOS, A. C. A inserção do nutricionista na estratégia da saúde da família: o olhar de diferentes trabalhadores da saúde. *Fam Saúde Desem.*, v. 7, n. 3, p. 257-265, 2005.

Recebido para publicação em 30/08/12.

Aprovado em 01/05/13.